



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

ACOLHIMENTO E COLABORAÇÃO NA BRINCADA DOS GESTORES EDUCACIONAIS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL

Embracement and Collaboration in Principals' Meetings: a multimodal analysis

Marli Pereira da, SILVA (PUCSP)¹

Maria Cristina, MEANEY (PUCSP)²

Sandra Virgínia André, BORGES (SMU)³

RESUMO

Este artigo objetiva analisar multimodalmente as trocas entre as gestoras de instituições de ensino da terceira edição da Brincada de Gestores em 2020, a partir da proposta de acolhimento feita pela facilitadora, a fim de sugerir categorias de análise que permitam identificar a construção do acolhimento e colaboração em uma plataforma de interação digital síncrona. Os pressupostos teóricos consideram perspectivas multimodais por Kress (2005; 2010), Bezemer e Kress (2010) e Liberali (2012), de colaboração crítica por Magalhães (2012; 2014), e de acolhimento como um compromisso ético de escuta e corresponsabilização do coletivo na resolução de problemas (SONNEBORN; WERBA, 2013). No trecho do vídeo selecionado para análise, a facilitadora pretendia engajar as participantes no encontro. O excerto traz interações intensas entre elas. Sua análise resultou em um quadro com categorias multimodais de análise e apontou para modos mais ou menos acolhedores de construção da colaboração entre as participantes em meio digital.

Palavras-Chave: Multimodalidade; Colaboração; Acolhimento; Análise Multimodal.

ABSTRACT

This article aims to analyze multimodally the exchanges between school administrators of the third edition of the "Brincadas' Project" in 2020, departing from the welcoming moment proposed by the facilitator, to suggest categories of analysis that allow to identify the construction welcoming and collaboration in a digital platform of synchronous interaction. The theoretical assumptions consider multimodal perspectives by Kress

¹ Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6134-470X>; marli311260@gmail.com

² Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8527-9298>; crismeaney@hotmail.com

³ Saint Mary's University, Halifax, Canadá; Programa da Faculdade de Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1172-6427>; borges-sandra@outlook.com

(2005; 2010), Bezemer and Kress (2010) and Liberali (2012), critical collaboration by Magalhães (2012; 2014), and welcoming as a commitment, an ethical stance that implies listening and co-responsibility of the collective in solving problems (SONNEBORN; WERBA, 2013). In the video extract selected for analysis, the facilitator intended to engage participants in the meeting. The excerpt brings intense interaction among them. The analysis resulted in a framework with multimodal categories of analysis and pointed to more or less welcoming ways of building collaboration among the participants.

Keywords: *Multimodality; Collaboration; Embracement; Multimodal Analysis.*

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar multimodalmente as trocas entre as gestoras de instituições de ensino da terceira edição da Brincadeira de Gestores em 2020, a partir da proposta de acolhimento feita pela facilitadora, a fim de sugerir categorias de análise que permitam identificar a construção do acolhimento e colaboração em uma plataforma de interação digital síncrona.

Em 2020 todos nós fomos surpreendidos com a pandemia da COVID-19. O impacto desta pandemia atingiu globalmente a vida humana e os segmentos: social, cultural e econômico. Para controlar a propagação da doença, as aulas em todas as escolas foram suspensas por tempo indeterminado. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em resposta à situação, recomendou os programas de ensino à distância, plataformas e recursos educacionais abertos, de forma que a escola e os professores pudessem chegar aos alunos de maneira remota, diminuindo o impacto na interrupção do ciclo de aprendizagem. Todos os esforços por parte dos gestores educacionais e professores das escolas públicas e particulares foram na direção de rapidamente transformar a forma de ensino, aprender a utilizar as ferramentas tecnológicas e criar novos métodos de ensino virtual a fim de minimizar as consequências desta situação para pais e, principalmente, para os alunos. Embora a situação da pandemia atingisse a todos, o impacto foi maior sobre crianças e famílias desfavorecidas socioeconomicamente, por inúmeros fatores: interrupção das aulas, falta de acesso à Internet e equipamentos como computadores, tablets e celulares, carência nutricional com a ausência da merenda escolar e dificuldades relativas à proteção e ao cuidado infantil em casa, intensificados pelos problemas econômicos das famílias que não podiam trabalhar.

A complexidade da situação escolar exigiu rápida assimilação e transição para o trabalho remoto e muita dedicação de todos, em especial, dos gestores. São eles que têm a responsabilidade pela escola, zelum pela qualidade do ensino-aprendizagem, pela relação com professores e pais, além dos aspectos relacionados à administração escolar. A pesquisadora e coautora deste artigo, estava envolvida em um outro projeto com gestores que foi suprimido por causa da pandemia. Porém, percebeu que a situação emergencial da educação

e escolas evidenciava uma oportunidade de criar um espaço de acolhimento e ações colaborativas entre os gestores dessas instituições.

A pandemia lançou luz sobre a necessidade e vulnerabilidade dos gestores: suas preocupações, inseguranças, crises de ansiedade e medo do futuro. A partir daí, emergiu neles a necessidade de compartilhar com outros gestores seus sentimentos, experiências e suas práticas. É importante salientar que, em outros tempos, este compartilhamento entre os gestores de diferentes escolas da Região Metropolitana de São Paulo seria impensável devido a rotina atribulada da gestão escolar, distância entre escolas e, principalmente, pela forma reservada com que o gestor exerce seu papel na escola, com pouca exposição de suas dúvidas e fragilidades na tomada de decisão.

A Brincada dos Gestores Educacionais em 2020 fez parte do Projeto Brincadas⁴, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Liberali - PUCSP e integra o Global Play Brigade (<http://www.globalplaybrigade.com>), coletivo internacional também criado a partir dos acontecimentos mundiais da pandemia da Covid-19, tem como objetivo reunir pessoas através das fronteiras - para brincar, criar, conectar e crescer - criando novos caminhos para a mudança social.

1. Possibilidades multimodais de colaboração e acolhimento

A Brincada dos Gestores Educacionais reuniu profissionais de gestão de instituições públicas e privadas em um grupo criado a partir do aplicativo WhatsApp. Em reuniões quinzenais realizadas em ambiente virtual, em virtude do distanciamento social, compartilharam as dificuldades, potencialidades, ações e aflições das diferentes realidades de atuação, por meio de brincadeiras e ações colaborativas, almejando a ampliação de seus repertórios.

Ao se encontrarem virtualmente, as participantes utilizaram recursos de significação com os quais estavam mais familiarizadas. Essa interação multimodal se fez possível porque o ser humano interatua de diversas formas, com expressões corporais, faciais, gestuais, olhares, postura corporal, sons, imagens, textos verbais (escritos e orais), entonação, ritmo e acentuação da voz, entre outros. De acordo com Kress (2010), tais formas de interação estão relacionadas ao contexto sócio-histórico-cultural compartilhado pelos membros de uma mesma comunidade. E assim, passam a ser compreendidos, gerando novos modos de

⁴ O Projeto Brincadas foi criado em 2020 por integrantes do grupo de pesquisa Linguagem em Atividade no Contexto Escolar (LACE), pertencente a Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem (LAEL) e da Pós em Educação: Formação de Educadores (Formep) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Recebe apoio das seguintes agências de fomento à pesquisa: PUC/SP e FUNDASP por meio do Plano de Incentivo à Extensão (PIPEXT) da PUC/SP, e CNPq.

significar, indo além do paradigma da escrita e fala, concebidos muitas vezes como os únicos modos de expressão.

Com o advento da pandemia da Covid-19 e a necessidade de distanciamento social, as interações online permitiram que as barreiras geográficas fossem atenuadas e aqueles com acesso à Internet começaram a se encontrar para reuniões virtuais utilizando câmeras, microfones e outros recursos de seus aparelhos eletrônicos. Tais recursos passaram a ter um papel fundamental nesse novo processo de comunicação digital. Juntamente com toda essa tecnologia, veio também uma nova forma de nos enxergamos virtualmente, a representação de nossa imagem pessoal passou a ser exibida por meio de um quadrado na tela de nossos aparelhos eletrônicos que nos apresenta ao vivo durante as interações virtuais. Porém, também descobrimos a possibilidade de utilizar apenas uma foto que nos represente ou cenários para o fundo de nossa imagem em que se evoquem nossos sentimentos, humor, anseios, personalidades, entre outros. Além disso, há os chats para a troca de ideias, emojis e tantas outras formas de expressão digital que passaram a fazer parte de nossa rotina, parte por escolha, parte por força maior.

Essa nova organização digital da sociedade e sua multiplicidade de modos de significar reafirma a constatação de Kress (2010) acerca da não exclusividade da escrita e da fala na produção de sentidos na sociedade. Segundo o autor, o uso de diferentes modos⁵ e recursos semióticos são socialmente compartilhados (KRESS, 2010, p.79) nas práticas humanas e colaboram para a reorganização da sociedade. Com a intensificação das interações virtuais, o uso de novos e diversos recursos multimodais ressignificou as práticas humanas neste momento de pandemia de forma abrupta. Por outro lado, também permitiu que as pessoas utilizassem colaborativamente múltiplas formas de significação por meio da tecnologia para se comunicarem (BEZEMER; JEWITT, 2018) e acelerou a transformação desses processos de produção de sentido, criando uma demanda pela rápida construção de novas formas de ser e agir no mundo.

Ao considerar o contexto escolar, Liberali (2018, p.176) menciona a importância de compreendermos que “a escolha dos recursos/modos envolve considerar múltiplas formas de representação que sofrem variações de acordo com o contexto e a cultura e que têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos”. Quanto maior esse repertório de recursos e mais consciência sobre seus efeitos de sentido, melhor os sujeitos poderão orquestrar suas escolhas para produzir os significados que desejam (LIBERALI, 2018).

Vale mencionar que, diante do cenário social de desigualdade que temos no Brasil, nem todos os cidadãos brasileiros tiveram condições para acessar este novo mundo de socialização, negócios, cultura e

⁵ Kress (2010, p.79) define modo como um recurso semiótico que é socialmente moldado e culturalmente dado. Imagem, escrita, layout, som, música, gesto, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos 3D são exemplos de modos usados na representação e na comunicação.

educação. Conforme afirma Kress (2010, p.184), “as facilidades/possibilidades de novas tecnologias só podem ser utilizadas mediante aquilo que as condições sociais possibilitam”⁶ e as condições sociais brasileiras são muito diversas, a depender da classe social de cada cidadão. Essa realidade fez com que os gestores de escolas públicas e privadas tivessem que pensar em como possibilitar o acesso à educação remota aos alunos em seus contextos de atuação e, ao mesmo tempo, disponibilizar os recursos e treinamentos necessários ao corpo docente.

A complexidade da situação criada pela pandemia e a grande demanda de ações e decisões não rotineiras levou os gestores a um período de estresse que a Brincada dos Gestores buscava abrandar. Como atingir esse objetivo sem tornar os encontros mais um compromisso virtual era um desafio para organizadores e participantes. Se pudessem ser presenciais, as participantes certamente seriam recebidas com beijos e abraços, talvez tomassem café, sentariam em círculo e expressariam suas ideias e seus sentimentos com a totalidade de seus corpos. Essas são ações reconhecidas como acolhedoras em nossa cultura.

No ambiente virtual, entretanto, era necessário pensar em outras formas de acolhimento. Muito além de demonstrar hospitalidade, era preciso construir novos modos de interação que tecessem laços entre as participantes, novos modos de ser e agir que pudessem ser compartilhados por elas, de modo que se constituíssem como grupo.

Nesse sentido, esse acolhimento não pode ser confundido com uma recepção calorosa ou reduzido a um momento de reconhecimento mútuo. O acolhimento para o projeto Brincada dos Gestores almejava gerar um grupo com identidade própria, identidade que deveria se manifestar em seus modos de expressão. Dessa forma, precisaria ser pensado para além de uma proposta inicial de abertura de um encontro.

Discorrendo sobre o acolhimento nas instituições de saúde, Sonneborn e Werba (2013) defendem que ele não seja compreendido como um espaço ou um momento, “mas como uma demanda, uma postura ética proveniente do estabelecimento de uma relação humanizada, responsável e de compartilhamento” (SONNEBORN; WERBA, 2013, p.4). Desse modo, o acolhimento nas relações humanas se revela como um compromisso ético que implica escuta e corresponsabilização de todos na resolução de problemas.

As autoras afirmam que o acolhimento se manifesta na fala e nas outras formas humanas de expressão, podendo, portanto, ser reorganizado de modo a trazer mais clareza na organização do pensamento e na expressão de sentimentos. Isso revela a importância da análise multimodal dos encontros, com o objetivo de buscar um maior e mais efetivo compartilhamento e entrosamento entre as participantes, por meio de atitudes

⁶ Tradução nossa do original em inglês “the facilities/affordances of the new technologies can only be used along the lines that the social conditions make possible” (KRESS, 2010, p.184).

que revelem a responsabilização e o envolvimento afetivo com o outro.

Para Sonneborn e Werba (2013), essa concepção de acolhimento pressupõe quatro atitudes essenciais: a escuta atenta e interessada das queixas e dificuldades do outro; o reconhecimento do outro como sujeito que protagoniza tanto a instauração como a resolução desses problemas; a corresponsabilização dos envolvidos na busca de soluções; e a ativação de redes de compartilhamento de saberes. Essas atitudes refletem também os anseios dos idealizadores da Brincada de Gestores, que, como mencionado acima, entendiam que a colaboração entre gestores, com o compartilhamento de problemas e saberes mesmo em meio à crise, levaria à ampliação de seus repertórios de ação.

Para os idealizadores dessa ação, pesquisadores do Grupo de Pesquisa LACE da PUCSP, compreendem que a colaboração crítica é um modo de participação social com ênfase no comum, que pressupõe que os participantes questionem os sentidos uns dos outros e compartilhem a produção de novo conhecimento (MAGALHÃES; FIDALGO, 2010 p.777). A escuta é, portanto, essencial a esse modo de participação. Ela implica “um olhar mais apurado para as potências vivas desses sujeitos” (SAWAIA; PEREIRA; SANTOS, 2018, p.107) de modo a potencializar as possibilidades do grupo.

O desenvolvimento dessa escuta é também um processo coletivo imbuído de um desejo de pertencimento ao grupo. Como pontuam Dunker e Thebas (2020, p.11), “o desejo genuíno de aprender como escutar os outros e de aprender isso com o outro é um ponto de partida ético fundamental para qualquer forma de vida que se considere comum”.

Os autores compreendem que este processo mútuo de aprender a escutar torna a experiência humana mais rica e interessante (DUNKER; THEBAS, 2019, p.13). Nesse processo, enfatizam que estar junto passa a ser o centro de gravidade da história e que as situações de crise e vulnerabilidade, ao contrário do que se possa imaginar, podem propiciar maior desejo de escuta, além de fazer com que se torne mais aguda e decisiva (DUNKER; THEBAS, 2019, p.18), como uma pequena viagem na qual a voz do outro ecoa em nós mesmos, para em seguida ler sentidos intrusivos e imprevistos (DUNKER; THEBAS, 2019, p.22). Passamos assim a ser hospedeiros de uma experiência, como um vírus, que se transmite e se completa quando o fazemos chegar a outros por meio do relato ou de vivências relacionadas, numa cadeia incessante de produção de saber.

Em um contexto como o da Brincada dos Gestores, este processo pode ser intensificado por meio de trocas e compartilhamento entre as participantes, em um ambiente de confiança, respeito e interesse mútuo. No entanto, para que pudessem participar com toda a sua potencialidade, não poderiam ser tomadas com superficialidade e como sujeitos parciais.

Com base nas discussões de Vygotsky, Magalhães (2018) afirma que:

colaborar é esse processo de construção com outros em que os sujeitos trabalham juntos na compreensão e transformação do mundo e, nesse processo, transformam outros, os contextos coletivos específicos de ação e a sociedade e, nesse processo, transformam a si mesmos (MAGALHÃES, 2018, p.20).

Nessa construção, os sujeitos são assumidos em sua singularidade integral, sua agência e sua potencialidade para transformar o mundo. Por isso, são também passíveis de crítica (LIBERALI et al., 2021). Na colaboração crítica, assim como na visão de acolhimento defendida por Sonneborn e Werba (2013), os sujeitos são corresponsáveis na emergência da crise e, principalmente, na sua superação. Entretanto, enquanto para Sonneborn e Werba (2013), o acolhimento parece focar nas queixas trazidas por diferentes sujeitos que procuram os serviços de saúde, a perspectiva da colaboração crítica centra-se no comum. A centralidade na coletividade é uma característica essencial a esse modo de participação (LIBERALI et al., 2021).

No entanto, não há apenas uma forma de exercer a colaboração em práticas sociais. Fullan & Hargreaves (2000) explicam que, em situações colaborativas, podemos ter a colaboração confortável que se constitui de forma estática, restringe-se a dar conselhos, trocar atividades e dicas, compartilhar material, de acordo com a racionalidade técnica. Gatto (2014, p.29) pontua que a colaboração confortável limita-se a oferecer conselhos e troca de atividades didáticas.

Por outro lado, Magalhães (2011) explica que também é possível exercermos a colaboração crítica. Isso se dá quando nos engajamos em uma tarefa coletiva de forma dialógica e dialética. Nesses processos, os sujeitos singulares compartilham seus saberes, intenções e interesses em movimentos de fala e escuta baseadas em reciprocidades, complementaridade e respeito mútuo, mesmo diante das contradições que invariavelmente ocorrem.

Nesse tipo de processo colaborativo, os sujeitos em interação expõem seus sentidos sobre os temas em discussão, expressam as suas opiniões sócio historicamente constituídas e evidenciam as contradições potencializadas nessas discussões. São os usos de recursos multissemióticos disponíveis nesse ambiente virtual que corporificam a interação e evidenciam se há um movimento de colaboração entre os gestores participantes e como ele se caracteriza.

Segundo Magalhães (2011), para que os participantes percebam seu engajamento em uma determinada tarefa conjunta, é central que haja oportunidade de voz, escuta, respeito, interesse, reciprocidade e compartilhamento. Categorias que evidenciem esses aspectos precisam ir além de evidências verbais. Na Linguística Aplicada, muitos pesquisadores têm se dedicado a evidenciar a colaboração por meio de aspectos

verbais, como escolhas lexicais que exprimem processos de responsabilização (MEANEY, 2009, entre outros), fazendo alusão ou não ao coletivo, e modalizadores que indiquem a posição das participantes com relação aos seus interlocutores (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2004).

Entretanto, aspectos não-verbais que compõem o conjunto de significação, perceptíveis na vetorização frontal do olhar (NASCIMENTO, 2011; KRESS; VAN LEEUWEN, 2016), no espelhamento de expressões faciais e ao assentir com a cabeça, na troca e tomada igualitárias de turnos, seriam igualmente importantes na percepção do engajamento de todos. Desse modo, a fim de identificar se houve no encontro a corporificação de uma atitude de acolhimento, evidenciando a disponibilidade e o compromisso das participantes na sua realização e na constituição desse grupo, é necessário analisar esses aspectos em seu conjunto.

2. O contexto do encontro e suas evidências multimodais

Nesta seção, descreveremos o contexto inicial da Brincada dos Gestores e, especificamente, o terceiro encontro do grupo, esclarecendo o processo que levou à escolha dos dados selecionados para análise neste artigo. Em seguida, apresentaremos esses dados e os analisaremos explorando sua capacidade de expressão multimodal na interação a fim de buscar evidências de presença ou não de atitudes voltadas à colaboração.

A Brincada dos Gestores fez parte do Projeto Brincadas, criado por integrantes do grupo de pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE) e do programa de pós-graduação em Formação de Formadores (Formep), ambos da PUCSP. O grupo da Brincada dos Gestores foi formado por oito profissionais que ocupavam as posições na diretoria de escolas públicas municipais e escolas particulares na Grande São Paulo. Fazia parte também do grupo, a facilitadora-pesquisadora e sua orientadora. Estabeleceu-se uma agenda quinzenal de encontros virtuais por meio da plataforma Zoom, com duração de uma hora e meia no período noturno. Foram realizados dez encontros virtuais de Abril a Setembro de 2020 e constatou-se uma oscilação entre cinco a oito participantes nos encontros durante esse período.

Para esse artigo, foi escolhido o terceiro encontro do grupo, conduzido apenas pela facilitadora, coautora deste artigo, sem a participação da coordenadora geral do projeto. Com isso, foi possível evidenciar o papel dessa facilitadora na condução da reunião e na busca pelo alcance dos objetivos do encontro. Nesse encontro estavam presentes seis participantes e a facilitadora.

O encontro foi realizado e gravado via plataforma Zoom e seguiu um roteiro previamente estabelecido pela facilitadora, como segue: 1. Acolhimento; 2. Meditação; 3. Uma pergunta para reflexão e troca entre os participantes. O momento do acolhimento pretendia recepcionar as participantes de forma hospitaleira,

oferecendo um espaço de compartilhamento de fragilidades, de sentimentos e mesmo de queixas, que funcionaria como um desabafo. Em seguida, seriam convidadas a deixar os problemas de lado com uma proposta de meditação.

Observou-se, entretanto, que o encontro tomou um outro direcionamento a partir da proposta de acolhimento, de modo que a meditação planejada não foi realizada. Com isso, mostrou-se relevante a análise das interações ocorridas nesse primeiro momento do encontro, com o objetivo de entender se essa proposta de acolhimento se configurou como um espaço de compartilhamento de experiências que propiciou a colaboração entre elas. Desse modo, buscamos responder à seguinte pergunta: Que indícios multimodais, possibilitados nesse contexto virtual, indicariam a promoção de colaboração e acolhimento entre as participantes?

Procurando abarcar uma multiplicidade de modos de significação e ampliar uma análise puramente verbal, buscamos incluir nesta análise aspectos que descrevessem também outros modos de expressar sentidos como recursos sonoros e visuais que fossem perceptíveis no excerto. Para tanto, nos apoiamos nos trabalhos de Kress e van Leeuwen (2006) e Nascimento (2011), que propuseram categorias de análise de imagens estáticas. Deles pudemos perceber a importância da vetorização do olhar no contato com o interlocutor. Já Rojo e Moura (2019), baseados em Santaella e Noth (2014 [1997]) e Machado (1997), analisam a evolução histórica de imagens em movimento, em especial o cinema, discorrendo sobre a importância do enquadramento, da ambientação e de sua arquitetônica para a composição dos processos de significação. Embora esses autores apontem caminhos para nossa análise, como a vetorização do olhar e a movimentação, mostram-se insuficientes ou não pertinentes para evidenciar a colaboração e o acolhimento no contexto em que se insere o excerto a ser analisado. Em virtude disso, procuramos descrever e analisar a articulação de modos verbais, sonoros e visuais na produção de significação, propondo categorias mais abrangentes para a percepção da construção de colaboração e acolhimento em ambientes de encontros virtuais síncronos, como os possibilitados pelo aplicativo Zoom.

O momento inicial organizou-se prioritariamente pela pergunta “Como vocês estão chegando?”, proposta pela facilitadora às participantes que chegavam ao encontro. Essa proposta de interação durou pouco menos de cinco minutos. Os dados utilizados neste artigo correspondem a esse trecho de gravação, que equivalem a 4’51” (quatro minutos e cinquenta e um segundos) da gravação dessa terceira edição, material que totalizou 1h53’ (uma hora e cinquenta e três minutos). O trecho que é objeto de análise neste artigo e pode ser acessado pelo QR code a seguir foi obtido a partir de gravação feita pela facilitadora-pesquisadora e traz, portanto, seu ponto de vista do encontro:



O trecho revelou intensa troca entre as participantes, com maior alternância de turnos. Os dados foram disponibilizados para todas as participantes, visto que integram um projeto crítico-colaborativo que tem como objetivo intervir e transformar contextos, de modo a propiciar que os sujeitos aprendam por meio da participação coletiva na condução da pesquisa (MAGALHÃES, 2009, p.10).

Como parte desse projeto que se insere num paradigma crítico, a Brincada dos Gestores foi criada para ser uma ação organizada por meio da colaboração. Desse modo, foi planejada intencionalmente para que as gestoras se sentissem à vontade para falar sobre suas dificuldades, medos, problemas e ansiedades frente às questões da pandemia nas escolas. Idealizou-se, então, como um espaço criado para trocas de experiências, compartilhamento de práticas, explicitação de dilemas e confrontação de ideias divergentes para o desenvolvimento mútuo e criação de significados comuns.

Os dados que se seguem representam momentos cruciais do início do encontro, já que evidenciam como diferentes as participantes se colocam e os modos como são acolhidas pela facilitadora. Os trechos em análise a seguir estão transcritos nos quadros que se seguem.

A interação acontece entre a facilitadora, a quem vamos chamar de (F), e seis gestoras participantes a quem iremos identificar como (P#). A plataforma Zoom, na qual o encontro foi realizado, possibilitou a interação entre várias pessoas em tempo real por meio de voz e vídeo.

A facilitadora iniciou o encontro formalmente convidando-as a se apresentarem e a expressarem como se sentiam naquele momento, interação que reproduzimos e analisamos a seguir:

Quadro 1: Transcrição de falas e prints de tela no momento da instrução da tarefa inicial

(F): Então, eu ia sugerir pra gente começaaaar, assim talvez dizendo muito brevemente assim como a gente tá chegando e daí eu gostaria da gente fazer uma, uma (...) oi Shirley.

(P1): Tudo bom? Oi (P6)! (risos) Oi gente.

(F): Oi

(P1) Oi (P3)

(F): Eu tô sugerindo que a gente comece falando um pouco como a gente tá chegando pra daí a gente fazer uma outra coisa na sequência. Então fazê um rápido check-in, né? Como eu tô chegando e depois a gente continua.

(P1): Hoje eu arrumei meu cabelo, coloquei uma blusa decente, tô até de sapato (risos, gargalhadas)

(F): Nossa! Que chique, hein? Uma oportunidade dessas, né?

(P1): (aos risos) Meu marido falou assim: “sapato não precisa, (P1)” (risos)

M1: (risos)

(P1): Eu tava ridícula, tava de calça leg e tinha colocado só uma blusa, sabe? Aí eu falei: “nossa, não”, aí falei: “ah vou me arrumar” (...) risos

(F): É, fez muito bem, tá muito bom! A gente tem que se cuidar, né? Faz parte. Senão a gente fica muito relaxada em casa, né? (...) E aí gente como ‘cês ‘tão chegando? (...)

Fonte: elaborado pelas autoras.

A facilitadora iniciou o encontro olhando para baixo e, em seguida, para cima. A vetorização do olhar parece ser uma característica importante neste momento e, ao direcioná-lo dessa forma, percebe-se que F em sua abordagem limita seu acolhimento por não buscar o encontro do olhar das participantes. Em seguida, F arrumou os cabelos e sugeriu que as participantes se apresentassem dizendo como se sentiam. Percebe-se também que esses movimentos multimodais demonstram que F ainda não se encontra completamente à vontade com o grupo, então ainda se movimenta bastante na cadeira e não dirige o seu olhar diretamente para a câmera, o que poderia indicar maior disponibilidade para o estreitamento de vínculos durante a comunicação com as participantes da reunião.

Ao escolher modalizadores verbais que lhe conferem um caráter polido para as solicitações realizadas como os tempos verbais futuro do pretérito - ‘gostaria’; imperfeito - ‘ia’; e, advérbio de dúvida - ‘talvez’, F parece demonstrar sua preocupação na criação de um ambiente confortável para todas as participantes, pois mostra a elas sua abertura em ouvi-las e indica que há espaço para outras possibilidades que o grupo deseje trazer no decorrer da reunião.

Além disso, utilizou em sua fala por duas vezes o verbo ‘sugerir’ com a intenção de apresentar, sem soar impositiva, a primeira atividade a ser realizada pelo grupo de maneira que todas participassem. Isso também é evidenciado pelo uso do dêitico de pessoa “a gente” que aparece nove vezes na fala de F abrandando a verticalidade das relações de poder entre elas e com o objetivo de deixá-las mais confortáveis

ao compartilhar suas ideias. Com este movimento F fez um convite à escuta essencial para a construção de uma atitude de acolhimento e colaboração.

Logo depois, F informou que após as apresentações haveria uma outra atividade dizendo “pra daí a gente fazer outra coisa na sequência”. Apesar de ter o objetivo de criar um ambiente acolhedor e colaborativo, F estabelece um ambiente comunicacional em que evidencia seu poder (KRESS, 2010) perante as participantes já que ela traz as orientações enquanto as participantes as seguem durante a reunião. Desafiar as relações de poder evidenciadas na linguagem, utilizada aqui de forma a abranger também aspectos não verbais, é um dos objetivos da colaboração (MAGALHÃES, 2011).

A facilitadora também qualificou esse momento como “um rápido check-in”, olhou para baixo, sem buscar um contato visual com as participantes e, ao solicitar, que esse compartilhamento de sentimentos fosse feito “muito brevemente”, evidenciou que esse não seria o momento principal da reunião, mas sim o que viria a seguir. Essa postura de minimizar o valor da atividade não promove o engajamento das participantes na atividade sugerida e não valoriza o compartilhamento de sentimentos que é proposto. Isso seria essencial para o fortalecimento de vínculos e de uma atitude de acolhimento e colaboração.

Percebe-se que devido ao pouco conhecimento que possuía da plataforma online utilizada (Zoom), F deixou sua tela configurada na versão ‘Speaker view’ (visão do falante) conforme visualizamos no vídeo gravado. Isso quer dizer que ela apenas visualizava as pessoas em sua tela quando as mesmas tinham o turno da fala ou se fizessem algum barulho perceptível para o microfone de seus aparelhos eletrônicos. Isso prejudicou a compreensão da facilitadora com relação ao grupo, já que ela não conseguiu visualizar as expressões faciais e corporais de todas as participantes ao longo da reunião ao se ouvirem e se expressarem. A visualização em formato de galeria poderia oferecer a ela a possibilidade de se adiantar diante das expressões de dúvidas ou insatisfação das participantes ao longo do encontro. Isso permitiria que ela espelhasse suas expressões faciais e assentisse com a cabeça acolhendo suas expressões de modo a demonstrar sua escuta atenta e interessada.

Destacamos aqui que o conhecimento das ferramentas em reuniões virtuais são também aprendizagens importantes para que o grupo possa construir uma identidade e compartilhar modos de participação, de escuta e colaboração. O compartilhamento dessas ferramentas por todas as participantes colabora para a construção de novas formas de ser e agir no grupo (KRESS, 2010).

O trecho seguinte da conversa se refere à entrada de P1 na reunião sorrindo, acenando e cumprimentando a todas de forma entusiástica, interrompendo a fala da facilitadora. Sorrindo muito, gesticulando, movendo a cadeira e balançando o corpo para frente e para trás de forma eufórica, comunica investimento e disponibilidade para o encontro, atitude essencial para instauração da colaboração.

F também utilizou expressões valorativas como “Nossa! Que chique, hein?” ou “Uma oportunidade dessas, né?” ou ainda “É fez muito bem, tá muito bom!” e também espelha os risos da participante de forma acolhedora, validando o seu interesse pelo encontro por meio de uma fala apreciativa, que lhe ofereceu um ambiente seguro para suas interações com o grupo. Logo em seguida, a facilitadora retoma a condução da tarefa dizendo “E aí gente como cês tão chegando?”. Entretanto, seus modos de expressão como o desvio do olhar da câmera e o olhar voltado para baixo ocasionam em um distanciamento daquelas que a ouvem e contradizem o convite pretendido com a pergunta. Desse modo, comunicam pouca disposição para uma escuta interessada e atenta, atitude essencial para promover o acolhimento e a colaboração.

No trecho que se segue, P3 e P4 descreveram seu estado de espírito com sorrisos manifestando sua disposição para o início do encontro. Porém, logo após iniciarem suas apresentações, P2 acessou a sala e as interrompeu abruptamente. Inicialmente, o dispositivo capturou algum som de P2, deixando-a em evidência por um segundo, ela apoiou o rosto com o braço sobre a mesa e, ao perceber que estava em evidência, levantou a cabeça e olhou sobre os óculos dando a impressão de que se comunicava com alguém presente em seu espaço de trabalho, mas fora do enquadramento da câmera. P4 continuou sua fala e quando o dispositivo colocou novamente P2 em evidência, visto que seu microfone estava aberto e havia uma música tocando em seu ambiente, a mesma encontrava-se com semblante sério, mostrando seus lábios fechados e retos, expressando descontentamento e cansaço. Ainda em evidência, suspirou de forma audível, demonstrando cansaço ou irritação. Ela permaneceu na tela sem falar, séria e sem direcionar seu olhar para a câmera durante 13 segundos. Como Kress (2010) ressaltou, a multimodalidade valida amplas possibilidades de significar, assim compreendemos que a ausência de fala, o suspiro cansado e o olhar vetorizado para baixo comunicam o descontentamento de P2 naquele momento da reunião. Sem demonstrar uma atitude de escuta atenta e disponível, não participa ativamente do compartilhamento de ideias, condição para a instauração da colaboração entre elas, nem contribui para expansão de novas possibilidades de interação, essenciais para a formação da identidade do grupo.

F retoma sua fala solicitando novamente que as participantes digam como se sentem, elucidando a disposição e expectativa delas para o encontro:

Quadro 2: Transcrição de falas e prints de tela no momento da realização da tarefa

(F): Gente, quem quer continuar?

(P1): Como assim chegando, (F)?

(F): Eu tô perguntando como que cada tá chegando, assim, fazendo um (...) eu tô chegando apavorado, eu tô chegando tranquilo, eu tô chegando feliz, eu tô chegando (...) um check-in assim, de como cada um tá chegando.

(P1): Eu tô chegando disposta (sorriso)

(F): Opa, legal!

(P5): Eu tô chegando tranquila (sorriso)

(P4): A (P5) (sorriso). Eu também tô chegando animada. Parei até minha reunião para continuar aqui com vocês (fala isso rindo)

(P1) (gargalhada) passei até perfume! (risos)

(F): Então promete hoje, hein? E a (P2), como que tá chegando?

(música de fundo novamente, ambiente barulhento)

(P2): Ah tô chegando devagar gente, não tô muito animada não *(riso sem graça)*, tenho muita atribulação e ainda preciso entender um pouco desse grupo que eu não entendi meu papel nele ainda, eu queria entender melhor, até falei com a (P3) ontem, com a (P4), eu não entendi muito bem ainda, mas é tô aí, tô caminhando, vamos lá, vocês falarem a gente tá aí.

(F): Tá bom (P6)?

Fonte: elaborado pelas autoras.

F iniciou este novo turno olhando para a câmera, levando a mão esquerda em direção aos lábios e mordendo levemente o lábio inferior, denotando preocupação. Em seguida, perguntou quem queria continuar se apresentando. Neste momento, P2 lhe pediu para explicar o que ela queria dizer com a pergunta “Como vocês estão chegando?”. Para expressar sua dúvida, P2 franziu levemente a testa e arrumou sua postura em frente à tela de seu dispositivo, indicando que estava atenta ao que seria dito. F retomou sua fala olhando para a câmera e gesticulando, levantou a sobrancelha e vetorizou o olhar para o lado, interrompendo o vínculo do olhar com P2. Logo depois, retomou o olhar para a câmera do computador enquanto falava, atitude fundamental para promover o vínculo com P2.

A seguir, as participantes P1, P5 e P4 expressaram que estavam animadas para o encontro por adjetivos de valoração positiva. Todas elas olhavam para a câmera enquanto falavam e sorriam enquanto se comunicavam, gerando possivelmente maior sensação de acolhimento entre elas. Durante essas falas, F valorizou as contribuições dizendo “Legal”; “Então promete hoje, hein?” Com essa valorização demonstrou atitude de acolhimento como hospitalidade que embora promova um ambiente confortável, não propiciou a expansão e troca ideias entre as participantes, elementos essenciais da colaboração crítica (MAGALHÃES, 2011).

Sorridente e olhando para a câmera com uma expressão facial leve, F pergunta para P2 como ela estava chegando ao encontro. Com um sorriso pouco expressivo P2 confirmou a sua indisposição naquele momento, seguiu balançando a cabeça negativamente conforme falava e explicava que ainda não havia entendido o seu papel no grupo. Entretanto, reforçou seu compromisso de participação, “mas é tô aí, tô caminhando, vamos lá, vocês falarem a gente tá aí”, movendo-se de uma colocação no singular “tô ” para um coletivo “a gente”, ao mesmo tempo em que olhava rapidamente para a câmera, deu um leve sorriso e vetorizou o olhar para cima. Toda sua fala e ação corporal evidenciaram sua incerteza com relação a sua participação e a sua frágil vinculação com o grupo.

F, com o olhar direcionado para baixo retomou o turno com uma avaliação positiva “Tá bom”. Com isso, ela acabou abafando o sentimento expressado por P2, uma vez que não reconheceu em sua fala o conflito criado nesse momento do encontro e logo em seguida direcionou o turno para a última participante a se apresentar, chamando P6 pelo nome. Desta forma, não respondeu às perguntas de P2 tentando manter o clima hospitaleiro e confortável sem dar ênfase para o conflito. Nota-se novamente que F não entendeu o acolhimento como uma postura ética que implica escuta e corresponsabilização do coletivo na resolução de problemas (SONNEBORN; WERBA, 2013).

Ao longo de todo o trecho submetido a análise percebemos evidências de acolhimento como hospitalidade e colaboração confortável, pois há escuta ligeira durante os turnos de cada uma, além de um reforço positivo ao que é apresentado ao longo da conversa. Percebemos que na sequência do encontro as falas apresentam turnos longos e relativamente equitativos entre as participantes. Neles cada uma expressa seus pensamentos, necessidades, opiniões e práticas diárias, favorecendo uma colaboração confortável entre elas, com pouco entrelaçamento de vozes, sem estabelecimento de controvérsia, nem disposição para reconhecer e elucidar diferentes posicionamentos, práticas discursivas reflexivas (FULLAN & HARGREAVES, 2003) características da colaboração crítica.

Pode-se perceber que a vetorização do olhar é um aspecto importante para a construção de uma escuta interessada. Buscar o contato visual ao olhar frontalmente para a câmera favorece a manutenção do contato visual com os interlocutores, possibilitando o acolhimento de suas falas. Embora nesse ambiente virtual a vetorização frontal do olhar não garanta o contato visual com o interlocutor, olhar para baixo ou para o lado indicam claramente pouca predisposição para o engajamento do grupo e para a colaboração.

O evidenciamento do rosto nessa modalidade do encontro virtual, exacerba a importância das expressões e movimentos faciais. Desse modo, ao sorrir, assentir com a cabeça, ou espelhar as expressões das interlocutoras, as participantes comunicavam a compreensão de suas ideias e sentimentos fortalecendo vínculos essenciais para a construção de um coletivo. Por outro lado, atitudes de desviar o olhar, expressar

descontentamento, seja por expressões faciais ou por suspiros, e não espelhar as expressões das outras participantes criaram um distanciamento entre elas e dificultaram uma sinergia no grupo.

Um dado positivo foi o fato de todas as participantes terem mantido a câmera ligada o tempo todo. Porém, o pouco domínio da facilitadora com relação ao aplicativo, impossibilitou que ela tivesse acesso a todas as participantes simultaneamente, pois ela não configurou a reunião em formato de galeria, situação que ela não enfrentaria em um ambiente presencial. O layout estabelecido permitiu visualizar apenas a participante que detinha o turno de fala, impossibilitando que a facilitadora tivesse uma visão da interação entre todas por meio dos movimentos gestuais e expressões faciais. Isto permitiria talvez que ela pudesse promover maior entrelaçamento de falas e ideias. Desse modo, embora tenha havido uma distribuição equitativa dos turnos sem que nenhuma das participantes controlasse excessivamente o turno de fala, não houve tomadas espontâneas de turnos em que as participantes pudessem desatar possíveis nós na comunicação ou expandir as falas umas das outras. Os turnos foram majoritariamente atribuídos pela facilitadora evidenciando uma relação hierárquica entre elas.

A facilitadora tentou amainar esta hierarquia com o uso de dêiticos que faziam referência ao grupo, como “nós” e “a gente”. No entanto, outros modos de significar, como a não manutenção do olhar frontal e a centralização da gestão dos turnos, tornaram o abrandamento das relações de poder entre elas inconsistente.

A partir da análise e interpretação desses dados, é possível concluir que aspectos verbais, visuais e sonoros concorrem para a produção de significação em ambientes virtuais de interação síncrona, permitindo que contradições sejam melhor explicitadas, condição para a construção da colaboração. Sintetizamos os aspectos multimodais que favoreceram ou não a constituição do acolhimento e colaboração entre as participantes do encontro no quadro abaixo.

Quadro 3: Aspectos multimodais relacionados ao acolhimento e à colaboração

Modos de significar/ categorias de análise	Aspectos favorecedores de acolhimento e colaboração	Aspectos não indicativos de acolhimento e colaboração
Vetorização do olhar	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção do contato visual/frontal 	<ul style="list-style-type: none"> • Olhar para baixo ou para o lado enquanto fala/escuta

Expressões e movimentos faciais	<ul style="list-style-type: none"> • Sorrir • Assentir com a cabeça • Espelhar expressão do interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> • Expirar de forma audível • Desviar o olhar e o foco • Balançar a cabeça negativamente • Não espelhar a expressão do interlocutor • Manter lábios fechados e retos, expressando descontentamento ou cansaço
Uso dos recursos do dispositivo de reunião	<ul style="list-style-type: none"> • Manter a tela em grade (galeria) • Fazer uso do microfone para participar • Manter a câmera ligada 	<ul style="list-style-type: none"> • Manter apenas o detentor do turno na tela • Deixar o microfone ligado em ambiente barulhento ou enquanto participa de outra conversa • Manter o microfone sempre fechado, sem participar • Desligar a câmera
Uso de dêiticos de pessoa	<ul style="list-style-type: none"> • Nós, a gente, grupo... 	<ul style="list-style-type: none"> • Eu, meu, minha...
Distribuição de turnos	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição equitativa • Tomada espontânea do turno 	<ul style="list-style-type: none"> • Controle do turno por um interlocutor • Atribuição de turnos por um interlocutor

Fonte: elaborado pelas autoras.

4. Considerações Finais

Com a intenção de elencar categorias de análise que permitissem identificar a construção de acolhimento e colaboração em plataforma digital de interação síncrona, analisamos multimodalmente a interação entre as participantes no início do encontro da terceira edição da Brincada dos Gestores. A análise evidenciou que houve momentos de escuta e compartilhamento de experiências. De modo geral, organizou-se como um espaço de colaboração confortável, já que viabilizou compartilhamento de experiências, sem que fossem apontados e confrontados os sentidos dissonantes.

Os momentos de tensão verificados multimodalmente no início da reunião (som aberto de uma participante, atrapalhando a reunião; pergunta lançada para o grupo e não entendida por ele; questionamentos sobre a própria natureza do encontro e sua função) não foram postos à reflexão no grupo. Para que isso ocorresse, teria sido importante que P2 verdadeiramente se expressasse e oferecesse ao grupo uma visão distinta daquelas compartilhadas no encontro. Esse novo ponto de vista poderia levar o grupo, por meio da

colaboração crítica, a reavaliar o contexto sócio-histórico-cultural em que se encontravam para que assim pudessem ressignificar suas participações e o próprio sentido do grupo. Essa troca e reflexão possibilitariam um processo de compreensão coletiva relacionado às inquietações da P2 e poderiam auxiliar o grupo a pensar criticamente em possíveis caminhos a serem traçados por todas na solução dos problemas apresentados inicialmente por ela, mas que poderiam também fazer parte do cotidiano das outras participantes.

Por outro lado, como esse era o terceiro encontro entre elas, a construção de um espaço de acolhimento, ou seja, um espaço seguro de fala e escuta, que proporcionasse às participantes vincular-se de forma positiva, era primordial. Dar luz a contradições nesse momento poderia levar ao desmantelamento do grupo. Por isso prevaleceu no encontro uma noção de acolhimento como manifestação de hospitalidade, sem que houvesse corresponsabilização no compartilhamento e resolução dos problemas apontados (SONNEBORN; WERBA, 2013).

Sem isso não foi possível construir uma colaboração verdadeiramente crítica entre elas, já que esta exige engajamento de todos em uma tarefa ou na busca de soluções para um problema, assim como uma disponibilidade para refletir e agir sobre as contradições que surgirem nesse processo. A construção do acolhimento como uma atitude ética é condição para que, nesse árduo processo de transformação que é a colaboração crítica, os participantes possam construir uma identidade coletiva que potencialize sua ação tanto individual como em grupo.

Verificamos que as participantes acessaram a sala em momentos alternados e nem todas conseguiram compreender as instruções iniciais da facilitadora, o que pode ter dificultado este momento de interação entre elas. Outro fator importante a ser levado em consideração para encontros virtuais são as instruções do moderador para os participantes a respeito da plataforma a ser utilizada. Como ligar ou desligar seus microfones e câmeras, as possíveis formas de visualização dos outros integrantes da reunião, como compartilhar a tela (se for necessário), como se darão as trocas de turnos, como se dará o uso do *chat*, entre outros, são aspectos fundamentais para que o encontro virtual tenha sucesso, pois estabelece as convenções determinadas pelo grupo. Também é importante discutir como os modos de interação destacados acima são interpretados pelos participantes no momento da reunião. Percebe-se que a falta desses acordos iniciais fez a diferença para este grupo, que demorou um pouco para se engajar, e foi descobrindo como utilizar a plataforma online apenas quando situações adversas aconteciam no decorrer da reunião. Como ressalta Kress (2010),

“quando as condições sociais são instáveis e provisórias, cada momento de comunicação exige, pelo menos no princípio, uma avaliação do ambiente comunicacional em termos de poder, características dos participantes, expectativas, gostos e preferências de estilo” (KRESS, 2010, p. 185).⁷

Embora os modos de comunicação entre as pessoas estejam em constante e incessante transformação (KRESS, 2010), a quarentena imposta pela pandemia da Covid 19 acelerou um processo de adequação às novas mídias em encontros virtuais, exigindo um aprendizado tenso e intenso desses modos de significação que teve participação essencial na transformação dessas participantes e na sua corporificação como grupo.

Referências

ADAMI, E.; KRESS, G. The social semiotics of convergent mobile devices: new forms of composition and the transformation of habitus. In: **Multimodality a social semiotic approach to contemporary communication**. New York: Routledge, 2010.

BEZEMER, J.; KRESS, G. Changing Text: A Social Semiotic Analysis of Textbooks. **Designs for learning**, v. 3, 2010.

BEZEMER, J.; JEWITT, C. **Multimodality: A guide for linguists**. L. Litosseliti (ed), Research Methods in Linguistics (2nd), p.1-18, 2018.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

DUNKER, C.; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FIDALGO, S. S. (Orgs.) **Questões de Método e de Linguagem na Formação Docente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 13-39, 2011. (Série Faces da Linguística Aplicada).

_____. Vygotsky e a pesquisa de intervenção no contexto escolar: A pesquisa crítica de colaboração–PCCOL. **A teoria da atividade sócio-histórico-cultural e a escola: recriando realidades sociais**. Campinas: Pontes, p. 13-26, 2012

⁷ Tradução nossa do original em inglês “when social conditions are unstable and provisional, each occasion of communication requires, in principle at least, an assessment each time of the communicational environment in terms of power, characteristics of participants, of their expectations, their tastes and style preferences” (KRESS, 2010, p. 185).

_____. Escolhas teórico-metodológicas em pesquisas com formação de professores: as relações colaborativo-críticas na constituição de educadores. **Estudos críticos da linguagem e formação de professores/as de línguas: contribuições teórico-metodológicas**. Campinas: Pontes, p. 17-48, 2014.

_____. **Formação contínua de professores: A organização crítico-colaborativa para transformação**. LING. – Est. e Pesq., Catalão-GO, vol. 22, n. 2, p. 17-35, jul./dez. 2018.

FULLAN, M.; HEAGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Por que é que vale a pena lutar? O trabalho de equipe na escola**. Porto Editora, 2001.

GATTO, M. **Da colaboração confortável para para colaboração crítica com um grupo de trabalho constituído por professores de inglês**. 151 f. Dissertação. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2014.

KRESS, G. **Gains and losses: New forms of texts, knowledge, and learning**. Computers and composition, v. 22, n. 1, p. 5-22, 2005.

_____. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. Taylor & Francis, 2010.

_____; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London/NY: Routledge, 2006.

LIBERALI, F. C. A argumentação multimodal na compreensão e na transformação de contextos escolares. **Discurso e Argumentação: Fotografias Interdisciplinares**, v.1, p. 173-196, 2018.

LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. Argumentação e formação/gestão de educadores no quadro da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 2, 2012.

LIBERALI, F. C. ; MAGALHÃES, M. C. C. ; MEANEY, M. C. ; DIEGUES, U. C. C. ; SOUSA, S. S. ; PARDIM, R. P. . Critically collaborating to create the viable unheard of: connecting Vygotsky and Freire to deal with a devastating reality. In: Vera Lucia Trevisan de Souza; Guilherme Arinelli.. (Org.). **Qualitative research and social intervention: transformative methodologies for collective contexts**. 1ed. Charlotte: Information Age Pub, v. 1, p. 63-81, 2021.

MAGALHÃES, M. C. C. O método para Vygotsky: a zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidades criativas. In: SCHETTINI, R.H. et al. (org). **Vygotsky: uma revista no início do século XXI**. São Paulo: Andross, 2009.

MAGALHÃES, M. C. C. Pesquisa Crítica de Colaboração: Escolhas epistemo-metodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, M. C. C.;

MEANEY, M. C. **Argumentação na formação do professor na escola bilíngue**. 150 f. Dissertação. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, R.G.; BEZERRA, F. A. S.; HERBELE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.14, n.2, p. 529-552, jul./dez. 2011.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, Mídias, Linguagens**. Parábola Editorial: São Paulo, 2019

SAWAIA, B. B.; PEREIRA, A.; SANTOS, L. M. C. Psicologia e população em situação de rua: apontamentos sobre a produção científica no Brasil. In: **Afeto & comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial, Bader B. Sawaia, Renan Albuquerque e Flávia R. Busarello, Alexa Cultural: São Paulo, 2018.

SONNEBORN, D.; WERBA G. Contribuição para uma teoria e técnica do acolhimento em saúde mental. **Conversas Interdisciplinares**: v. 8, n. 3, (2013). Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/ci/article/view/3953/pdf>

Agradecemos à Capes pelo incentivo na realização dessa pesquisa.